

UM

SEGUNDA-FEIRA | DETETIVE FFION MORGAN

O cheiro é acre e doce ao mesmo tempo, como que de fruta deixada a apodrecer. Ffion respira pela boca, mas o fedor é tão mau que quase lhe consegue sentir o sabor.

— Foste tu? — O detetive Alun Whitaker fala sem levantar o olhar da sua papelada. É demasiado vaidoso para usar óculos de leitura e, nos cantos dos olhos, formam-se-lhe sulcos profundos quando os semi-cerra ao olhar para o processo.

— Não, claro que não fui eu. — Ffion fecha o depoimento da testemunha que tinha estado a ler e abre o portal imobiliário Rightmove. Precisa da influência tranquila que só a pornografia de imóveis pode proporcionar.

— Não é suposto as mulheres peidarem-se. — Alun olha para o lado de lá do amontoado de secretárias e levanta a voz. — Aposto que a Georgina não se peida.

Georgina responde-lhe com um encolher de ombros, a apontar para os auscultadores com cancelamento de ruído que tem postos sobre o cabelo escuro e cortado rente. *É só um* podcast, responde sempre que alguém lhe pergunta. Há muito que Ffion desconfia de que Georgina não está a ouvir absolutamente nada — a mulher é demasiado rápida a dizer que quer uma *paned*¹ quando a água da chaleira está a ferver —, mas é seletiva quanto ao que quer ouvir.

¹ «Chávena de chá», em galês. (NT)

— Eu não era capaz de estar com uma mulher que se peida — diz Alun. Como se tivesse voto na matéria. A última incursão de Alun no mundo dos encontros amorosos resultou numa transferência bancária para uma conta não identificável e num vírus no computador que enviou por *e-mail* as últimas dez fotografias da câmara de Alun, três das quais fizeram Ffion querer lavar os olhos com lixívia.

— Os peidos são para os gajos — acrescenta ele. — Não são coisa de senhoras.

Ffion pondera tentar dar um, só para ser do contra.

Alun gira a cadeira virando-se para ela. Tem membros longos e finos, e, quando apoia as mãos nos joelhos, como está a fazer agora, faz com que Ffion se lembre de um qualquer inseto.

— Sabes onde está o resumo do caso de ofensas corporais graves, o do procurador? Não o encontro na *drive* principal.

— Não encontras porque está no meu portátil.

— No teu portátil pessoal? — Alun levanta uma sobrancelha e cruza os braços. Ffion tenta lembrar-se se são os grilos que esfregam as patas uma na outra ou se são os gafanhotos. — Tens de o gravar diretamente na *drive* partilhada.

Ffion não sabe que som fariam os braços de Alun se os esfregasse um num outro, mas seria, sem dúvida, irritante como a merda. Franze o sobrolho ao olhar para o ecrã, como se estivesse a tentar resolver uma fórmula complexa, não a alargar a sua pesquisa no Rightmove em mais quinze quilómetros.

— Vou gravá-lo na *drive* quando estiver concluído.

— Imagina que tenho os processos todos no meu portátil pessoal. Que farias, se fosse atropelado por um autocarro?

— Dava uma festa? — Ffion clica num apartamento de dois quartos, a cerca de cinco quilómetros de Cwm Coed. Tem uma pequena casa de campo, arrendada e perfeita, um abençoado alívio após um ano a viver em casa da mãe e de Seren, mas agora o senhorio quer tê-la de volta. *Desculpe, Ffion, mas fico a receber o dobro se a arrendar para férias, e os tempos estão difíceis...*

Não me diga, pensou Ffion, quando começou a procurar outra casa, apercebendo-se de que os preços tinham praticamente duplicado no

ano anterior. Viver fora da aldeia significaria deixar de ter uma distância curta para percorrer quando regressava do *pub* depois de este fechar, ou de dar um saltinho a casa de Ceri para um café. Por outro lado, seria agradável poder sair sem que todos os seus passos fossem comunicados à mãe. *A sua Ffion anda com um ar cansado... tenho ideia de a ter visto na semana passada, no médico, não foi? De facto, pensei para com os meus botões...*

Mas este apartamento parece perfeito. Novo, com uma renda acessível — e apenas para maiores de sessenta anos.

— Mas que merda. — Ffion sai da página do quarto com varanda e vista para o rio. Encolhe o nariz ao ser atingida pelo cheiro nauseabundo com um vigor renovado.

— E se *tu fores* atropelada por um autocarro, não vamos saber o que se passa nesse processo. — Alun não quer deixar aquilo passar. — Podemos perder provas decisivas.

— Quando chegares a sargento — diz Ffion —, podes dizer-me o que devo fazer. Até lá, deixa-me em paz. Não és meu chefe.

— Tem toda a razão — ouve-se numa voz animada vinda da porta. — Eu é que sou.

O inspetor Malik é resolutamente jovial. Mesmo quando dá uma reprimenda — algo de que Ffion já foi alvo uma série de vezes —, há um tom avuncular na sua voz, como se a pessoa a quem visa nos sermões tivesse sido apanhada a roubar maçãs e não a usar uma carrinha da polícia de intervenção para ir buscar um sofá à IKEA.

Malik dá um passo em frente e depois sente o cheiro no ar.

— Parece que morreu aqui alguém.

— Foi a Ffion — diz Alun.

— É pavoroso. Abram uma janela. — O inspetor traz vestido o colete preferido: um tabuleiro de xadrez com as peças dispostas num jogo. Ffion pressupõe que haja alguma mensagem subliminar no xeque-mate ou no empate ou no que quer que esteja a acontecer ao pé do botão de cima.

Georgina põe-se de pé num salto para fazer o que o inspetor mandou. Ffion semicerra os olhos. Aquilo ouviu ela bem, não foi? Georgina Kent é aquilo a que os chefes chamam *diligente* e a que Ffion chama

exibicionista. É a primeira a chegar, a última a ir-se embora, e trata os convites sociais como se estivesse programada, qual robô, para os recusar. Nem Georgina nem Ffion usam muita maquiagem, mas Ffion acredita tratar-se de uma decisão intencional da parte de Georgina, não — como acontece no caso de Ffion — por não estar para se chatear. Georgina tem o tipo de pele cor de azeitona que se bronzeia em cinco minutos, ao passo que a pele de Ffion é da cor do leite desnatado.

Malik mostra um papel impresso.

— Preciso que alguém vá verificar uns ossos em Cwm Coed. A coisa pode ser um bocado macabra.

— Parece uma pessoa que eu conheço. — Alun sorri abertamente para Ffion. Está prestes a atirar-lhe com alguma coisa quando um peido sonoro irrompe do seu canto do escritório.

Malik encara-a, furioso.

— Isto foi o que eu penso que foi?

Ffion levanta uma mão, rejeitando a responsabilidade.

— Isto é o que acontece quando me obriga a vir todos os dias ao escritório.

— Está a dizer-me que esse fedor é culpa minha?

Ffion estava perfeitamente satisfeita a trabalhar a partir do seu escritório, num cubículo, em Cwm Coed ou a redigir declarações no carro à beira do lago, apresentando-se ao serviço com a menor frequência que lhe fosse possível. Havia dezassete meses, uma investigação de um homicídio no *resort* de luxo The Shore, nas margens do lago, chamou todas e quaisquer atenções para Cwe Coed — e para Ffion. A sua última avaliação — *não trabalha bem em equipa; tem dificuldade em lidar com a autoridade* — valeu-lhe um trajeto de cinquenta minutos para o emprego, de e para Bryndare, e um semblante carregado que precisaria de mais do que de *botox* para se desfazer.

— Ffion, lamento ter de lhe dar más notícias, mas vir trabalhar é precisamente a razão pela qual é paga. — Malik atravessa o escritório. — Não lhe dá, certamente, carta verde para fazer *isto*. — Puxa rapidamente a cadeira de Ffion para trás, revelando um enorme monte de pelo debaixo da secretária dela.

Chamar cão ao *Dave* seria simplista. Amaldiçoado pelas neuroses da geração *Prozac*, o *Dave* dá um salto quando ouve barulhos altos, ladra ante silêncios prolongados e só se sente verdadeiramente feliz quando está encostado contra as pernas de Ffion ou — o ideal — em cima dela. Tendo em conta que o *Dave* tem o mesmo peso de um adulto sentado, esta última torna-se particularmente desafiante nos semáforos, momento em que interpreta a pausa breve como um sinal de que a viagem de carro terminou e pode subir para o colo de Ffion, qual gato de quarenta quilos.

— Quantas vezes já avisei?

Ffion fica sem saber se Malik se estará a dirigir ao *Dave*, mas depois o inspetor vira-se para ela e ela apercebe-se de que ele espera uma resposta. A cauda do *Dave* bate lentamente na carpete.

— Pelo menos, seis — intromete-se Alun. Idiota.

— Não o posso deixar em casa. Ele uiva. Os vizinhos já se queixaram.

— Então arranje alguém que passeie cães. Deixe-o com a sua mãe. Leve-o para o raio de um circo. Não quero saber, Ffion: não o traga mais para o trabalho!

O *Dave* desenrola-se quando sai de debaixo da secretária e Ffion agarra-o pela coleira.

— E se ele for o meu cão de apoio emocional? Está provado que estar com animais alivia a tensão.

— A única coisa que precisa de ser aliviada aqui são os intestinos desse cão. Leve-o para casa. Agora.

Relutante, Ffion põe-se de pé.

— Então mais vale que vá dar uma olhadela aos tais ossos. Já que vou para aqueles lados.

— Ah, não. — Malik abana o dedo. — Não a quero a passarinhar lá na sua zona sem ninguém que a vigie. O Alun ou a Georgina podem tomar conta do assunto. — Vira-se para eles. — Há um *reality show* qualquer a ser gravado na montanha junto a Cwm Coed.

— *Exposição*. — Ffion veste o casaco. Decorre o mês de maio, mas trata-se de Gales do Norte, o que quer dizer que é praticamente inverno.

— Nunca ouvi falar disso — diz Georgina. — Lamento, senhor.

— Quem me dera poder dizer o mesmo. — Malik faz uma careta.
— Parece ser medonho. Sete «homens e mulheres normais», diz o *trailer*, mas que pessoas normais é que querem ser filmadas a comer olhos de peixe e testículos de boi...

— Acho que é capaz de estar a falar de *Sou uma Celebridade*, senhor.
— Alun parece ligeiramente enjoado.

— Seja como for, o produtor ligou esta manhã a dar parte dos ossos e...

— Encontraram-nos no acampamento do *Exposição* ou na casa da quinta onde está alojada a equipa? — diz Ffion. — A casa é nossa, mas o acampamento fica imediatamente a seguir à fronteira com Cheshire.

— Não sei onde... — Malik detém-se. — Como sabe tanto acerca disso?

— Conheço uma das concorrentes. A Ceri Jones. Distribui o correio em Cwm Coed. É a carteira. — Ffion desliga o computador. — Então, até amanhã.

— Amanhã? Ffion, ainda são só três...

— Não adianta regressar para me ir logo embora a seguir, pois não? Fico a trabalhar remotamente até ao fim do dia. — Ffion sorri com um ar inocente. — Ah! E não se guiem pelo GPS na quinta: vai largar-vos no meio do campo. Têm de apanhar a estrada de uma só faixa para Felingwm Isaf e virar à direita no carvalho grande.

— *Velin-goom Ee-sav* — repete Malik devagar. Em teoria, o inspetor possuía o nível mínimo de galês que lhe era exigido para ser transferido da polícia de Surrey para Gales do Norte. Na prática, ainda estava a aprimorar a pronúncia. Suspira como se o que está prestes a fazer o afligisse. Estende o papel impresso a Ffion, segurando-o firmemente durante alguns segundos depois de ela o agarrar. — Não se ponha com brincadeiras.

— Claro que não, senhor.

— E leve alguém consigo.

— Chefe, sinceramente, trabalho melhor sozinha...

— Ou trabalha com mais alguém ou não vai. Tão simples quanto isto.

Ffion olha primeiro para Alun e, depois, para Georgina, nenhum dos quais se mostra loucamente entusiasmado com a possibilidade de fazer equipa com ela.

— Isto é que é estar entre a espada e a parede — balbucia ela.

Alun ri à socapa.

— Eu tenho uma bela espada...

— Georgina — diz Ffion com firmeza.

Malik lança um olhar implacável a Alun.

— A década de oitenta ligou. Querem que lhes devolva os seus grajejos inapropriados.

— Peço desculpa, chefe, não torna a acontecer. — As faces de Alun resplandecem e Ffion reprime um riso desdenhoso.

— Estás pronta? — Georgina está de pé com o casaco sobre um braço como se fosse Ffion que a estivesse a fazer esperar.

— Eu já nasci pronta. — Ffion abre a porta. — Anda, *Dave*.